

Sandra Gajjar, açoriana e autora do blogue ‘Tripper’, considera “importante que as pessoas percebam o impacto que têm na terra dos outros”

“Viajar é uma experiência de auto-descoberta mas também tem que ser uma oportunidade de contribuir para a economia local”

Um artigo publicado recentemente pelo HuffingtonPost, foi escrito por uma açoriana e recomendava os Açores como as melhores ilhas da Europa para todo o tipo de viajantes. Sandra Henriques Gajjar, é autora do blogue Tripper, é natural das Flores, mas vive em Lisboa. Já escreveu um guia sobre a capital portuguesa e escreve no seu blogue sobre viagens para sítios pouco convencionais, destacando a sua riqueza e diversidade cultural.

No blogue tem vários posts dedicados aos Açores e a cada ilha em particular. Para o HuffingtonPost escreveu um artigo com recomendações para vários tipos de viajantes e Sandra descreve os Açores como um paraíso escondido no meio do Oceano Atlântico, ainda preservado e sem turismo de massas, que agrada a diferentes tipos de viajantes.

Estivemos à conversa com esta jovem para conhecê-la um pouco melhor.



Sandra Gajjar é quem?

Sandra Henriques Gajjar, 38 anos, escritora freelancer, licenciada em Estudos Portugueses pela FCSH (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas) da Universidade de Lisboa. Após a licenciatura, em 2004, tentei encontrar, sem sucesso, trabalho “na minha área” (eu acho que todos já ouvimos esta história algures...) e acabei por especializar-me em “call centers”. Passei por várias etapas, desde operadora, a supervisora assistente, a líder de uma equipa que lidava, sobretudo, com apoio ao cliente. Em 2013, decidi rescindir com a empresa onde estava. Em parte, porque precisava de me ausentar durante alguns meses para a Índia e não sabia quando iria regressar a Portugal (eu e o meu marido, Dhanish, estávamos, na altura, a travar a luta burocrática para que ele pudesse residir em Portugal); em parte, porque o universo corporativo já não me dizia muito e eu sentia-me a rebentar pelas costuras.

Como quando e porquê surgiu o gosto na sua vida sobre a escrita? Tem alguma referência de família ou amigos nesta área?

Eu sempre escrevi, mesmo antes de saber escrever. Lembro-me de ter talvez uns 4 ou 5 anos e passar o tempo a desenhar bolinhas num caderno pautado, e nunca mais parei. Quando estou a escrever não estou a pensar em mais nada, estou em paz absoluta; é uma sensação muito curiosa que nem sempre consigo explicar.

A minha avó materna, apesar de só ter a segunda classe, escrevia muito. Escrevia quadras populares (e cartas, muitas cartas), e ficava extremamente orgulhosa quando publicavam o seu trabalho. Só há pouco tempo é que fui percebendo que tínhamos mais em comum do que eu pensava.

O que começou a escrever e quando? Lembra-se das suas primeiras publicações e sobre o quê?

Houve uma fase em que eu queria mudar o mundo e ser jornalista (eu acho que a maioria das pessoas que gostam de escrever passam pela fase em que querem ser jornalistas), mas eu na altura não percebia muito bem o que é que isso implicava. Para quem vive com os nervos à flor da pele, que é o meu caso, a imparcialidade era uma coisa muito difícil de digerir. Lembro-me de com 16 anos escrever um artigo de opinião no jornal local “As Flores”, defendendo a minha geração, em resposta a outro artigo de opinião de alguém que dizia que esta nova geração não prestava (os mais velhos acharem que os mais novos não sabem o que fazem é cíclico). O meu texto era duro, roçava o desrespeito, e eu claramente não iria saber lidar com as consequências disso, por isso acabei por pedir que o publicassem sem mencionar o meu nome. Publiquei algumas coisas em jornais de escola e o tom era sempre um bocadinho de desafio, próprio da idade, e sempre ligado à justiça social.

O que mais a fascina na escrita e como decidiu que esta seria a sua forma de vida?

Durante muito tempo eu respondia ao elogio “escreves tão bem” com um encolher de ombros. Eu achava que uma coisa que me custava muito pouco a fazer (na maioria das vezes) não era propriamente fascinante. É um bocadinho aquela imagem de que se não dá trabalho, então não pode ser trabalho.

Durante o liceu e a faculdade estive sempre rodeada de pessoas criativas, que escreviam, faziam música, desenhavam, e uma meia dúzia de professores que nos obrigavam a pensar por nós próprios. Mais tarde quando comecei a trabalhar e a ter vida de “gente crescida”, o lado criativo acabou por ficar adormecido. Continuava a escrever para a gaveta, mas sem pensar muito em seguir a carreira.

Em 2011, a meio de uma ação de formação, o formador deu-nos um exercício em que tínhamos que responder a uma pergunta aleatória com a primeira coisa que nos viesse à cabeça, sem pensar. A pergunta era “se pudesses escolher, qual seria a profissão que terias hoje em vez desta” e eu respondi de imediato “escritora de viagens”. Na altura não percebi muito bem de onde é que aquilo tinha vindo, nem pensei que um dia seria isso que estaria a fazer. Nem sequer voltei a ponderar essa hipótese até conhecer o meu marido em 2012 e que um dia me perguntou “o que é que te leva a escrever” e eu respondi “contar histórias”. Desde essa altura que o bichinho de voltar a escrever ficou cá dentro a “moer”.

Até onde tem-na levado esta paixão/profissão? Pode, tanto quanto possível, descrever-nos o que tem feito?

Só muito recentemente é que a paixão se tornou verdadeiramente em profissão, a escrever em inglês. Curiosamente, há muito tempo que não escrevo em português. Comecei o blog em 2014 mas só comecei a levar isto mais a sério em 2015 na altura em que submeti um pedido para um passe de imprensa para o Fantasporto e foi aceite. Até aí usava mais o blogue como portfolio online da minha escrita e como forma de arranjar trabalho como freelancer.

Estava verdadeiramente à espera que a organização me dissesse que só aceitavam jornalistas, porque nem toda a gente reconhece os bloggers como profissionais. O Fantas é o daqueles festivais que faz parte do meu imaginário; por um lado sentia o peso da responsabilidade em escrever de forma profissional sobre o evento, por outro era

com enorme satisfação que divulgava o festival a um público mais internacional (a maioria dos leitores do blogue é dos Estados Unidos).

Depois trabalhei na divulgação de outro festival em Londres, o London Horror Festival; um evento um bocadinho “underground” de teatro de terror (o que para mim era novidade total). Lancei um livro sobre Lisboa, “Lisbon Travel Guide for Urban Explorers”, que me levou a ser convidada para escrever outro, “Choose a Way Lisbon”; ambos em formato digital apenas. Tenho um artigo publicado no National Geographic Travel Blog sobre Lisboa e, recentemente, fui convidada para contribuir como blogger para o Huffington Post (edição americana).

Porquê a criação de um blogue? E porque viagens?

Comecei o meu primeiro blogue em 2004 e sempre me senti muito confortável na blogosfera. É talvez dos poucos sítios onde se pode obter feedback imediato e honesto. Também pode ser extremamente tóxico, se não for usado para o bem, como qualquer outra ferramenta. Há a vantagem de sermos donos do nosso próprio conteúdo e de podermos escrever sobre o que quisermos, quando quisermos.

Quando saí da empresa onde estava em finais de 2013, não bastava ter a vontade de querer escrever. Eu tinha que ter provas de que sabia escrever e o meu currículo na altura mostrava uma faceta muito diferente da actual. Nesse ano, eu e o meu marido, que é designer, tínhamos ideias para desenvolver uma aplicação móvel de viagens e é aí que surge o ‘Tripper’ pela primeira vez. A maioria das aplicações que existiam eram monótonas e mostravam sempre os destinos da mesma perspectiva: o que o turista quer ver. Eu preferia criar uma que me dissesse o que os locais acham que o turista deve ver. A ideia acabou por ser posta de parte mas a minha perspectiva em relação às viagens continuava a mesma.

Em 2012 eu tinha começado a viajar regularmente com o meu filho, nessa altura com 13 anos, e já tinha umas quantas histórias de viagens para contar. Era uma questão de juntar as duas paixões: escrever e viajar. O que eu ainda não sabia na altura é que meio mundo estava a fazer o mesmo. No meu mundo só havia duas pessoas que escreviam sobre viagens, o Michael Palin e o Gonçalo Cadilhe. A competição é feroz mas a comunidade de bloggers de viagens é, em geral, muito unida.

O que ou que lugar/que reportagem mais a marcou neste seu percurso?



Isto vai soar a cliché, mas o mais importante das viagens para mim são as pessoas. Em Bangkok a indústria da prostituição perturbou-me bastante, sobretudo ao ver homens adultos, brancos, com bem mais de 50 anos, a dirigirem-se aos proxenetas e a escolherem miúdos e miúdas com pouco mais de 15 anos. Detestei ficar naquele impasse, como estrangeira, de decidir se intervinha ou se ficava quieta. Acabei por ficar quieta porque não conhecia a lei do país em detalhe. Na Índia tive o privilégio de olhar para o país (bom, uma pequena parte dele) de uma perspectiva de dentro para fora. É incrível como as pessoas lá estão fartas que os estrangeiros queiram fotografar só a pobreza e os pedintes (e essa é também outra grande indústria) porque acham que aquilo é que é a Índia autêntica. Da mesma forma que nem todos os Açorianos vivem de criar vacas e lavar a terra...

A minha maior experiência tem sido sempre as pessoas e as histórias que elas acabam por partilhar comigo. Só de observá-las também se aprende muita coisa, mas isso dá azo a muitas (e por vezes falsas) interpretações. Quando estava a viver em Londres, regresssei a Lisboa para terminar o segundo livro ("Choose a Way Lisbon") e votar nas eleições legislativas. Foi preciso estar fora para ver a angústia em que as pessoas estavam, sobretudo porque nem todas tinham possibilidade de "fugir" ou emigrar. E digo isto sem qualquer agenda política. Recordo-me de estar a conversar com funcionários de museus e esse medo do futuro ser muito palpável e de eles, abertamente, falarem sobre isso.

Desde essa altura que tento sempre focar-me nas histórias das pessoas quando escrevo no blog, quando elas estão dispostas a falar comigo obviamente.

Vive no Barreiro mas é natural da ilha das Flores? Quando saiu de lá e o que representa a sua terra Natal para si?

Sai das Flores em 1994 quando me mudei para Ponta Delgada para fazer o ensino secundário no Antero de Quental. Depois vim para Lisboa fazer a licenciatura e fiquei. O Barreiro é a minha casa há 7 anos e uma cidade ainda muito subestimada. Ainda se vê o Barreiro como uma cidade industrial e poluída, quando a realidade é bastante diferente. É uma cidade de artistas que nunca estão parados e que defendem a sua terra com unhas e dentes; pensando bem, os Barreirenses não são muito diferentes dos Açorianos. Ambos temos raízes Alentejanas e Algarvias, por isso acho que é uma questão de ADN.

Com 16 anos, numa altura em que não havia Internet nem televisão por cabo nem telemóveis, sair das Flores para estudar era uma oportunidade única (e um privilégio que nem todos tinham) para alargar horizontes. Há mais de 20 anos que só regresso às Flores nas férias, por isso acho que é legítimo dizer que já tenho poucas raízes na terra. Já nem sou de lá, mas também não sou de cá; é um limbo estranho das pessoas "desterradas". Gosto de publicitar a minha terra mas também conheço, de cor, o peso da insularidade, e tento sempre mostrar os dois lados dessa realidade.

Recentemente publicou um artigo seu no HuffingtonPost onde refere que os Açores são as melhores ilhas da Europa para todo o tipo de viajantes. Foi um artigo que surgiu porquê?

A beleza dos Açores é, indiscutivelmente, deslumbrante e é talvez a imagem que mais vende o turismo regional e o nosso maior trunfo. No início deste ano escrevi um 'post' no 'Tripper' sobre cada uma das ilhas e têm sido dos artigos mais lidos, partilhados e pesquisados. Existe informação sobre os Açores, há mais 'bloggers' a escrever sobre as ilhas (o que é muito bom sinal), mas senti que faltava qualquer coisa.

Foi quando comecei a receber emails de desconhecidos que me pediam ajuda para decidir que ilha(s) deviam visitar que percebi que essa informação estava orientada para o que o turista quer ver, partindo daquilo que o turista ouve falar das ilhas. Mas há um grupo de viajantes que prefere que sejam os locais a sugerir-lhes o que devem ver, para depois tomarem uma decisão. E esta é uma tendência cada vez maior, a dos chamados viajantes independentes.

Aproveitei o meu acesso à plataforma de 'bloggers' do 'Huffington Post' para mostrar a diversidade dos Açores, para desmistificar um bocadinho aquela imagem que as pessoas tem que as ilhas são só paisagem e vacas a pastar. Nós sabemos que o arquipélago é muito mais do que isso.

Prepara mais algum artigo para publicação nacional ou internacional? É frequente publicar em publicações especializadas em Viagens/Turismo?

Se houver convites para isso, ideias para artigos não me faltam. Até lá, vou tentando vender as minhas histórias a várias publicações e vou usando a plataforma do 'Huffington Post' para mais artigos sobre os Açores e viagens. Só este ano é que comecei a investir mais em escrever para publicações ligadas às viagens. Conta o peso de já ter alguma reputação na área, de antiguidade, de nicho, e é nisso que estou a trabalhar para desenvolver neste momento.

Na escrita, nomeadamente sobre viagens, procura o quê? O que difere a seu trabalho?

Procuro sempre a oportunidade de poder contar a história de alguém e de conhecer um destino de uma perspectiva pouco comum. De preferência alguém ligado à arte ou à cultura do sítio que estou a visitar, e não digo arte e cultura, do ponto de vista elitista. Não tem que ser um grande nome do panorama artístico, mas tem que ter laços muito fortes com a comunidade local. A mim interessam-me pessoas que tenham tempo (e vontade) de partilhar as histórias delas comigo. Regra geral, elas acabam por me mostrar um lado do destino que eu nem sabia que existia. Em Londres, quando entrevistei o Pedro Vaz de Carvalho sobre o projecto que ele tinha na altura, SOPA - Social Performing Arts, ele mostrou-me o bairro de Brixton de forma tão apaixonada que, de repente, era a minha zona favorita da cidade. Um bairro que geralmente as pessoas consideram como um dos mais perigosos.

Não estou a dizer que não seja perigoso, mas acho importante ver-se sempre o reverso da medalha.

Eu reconheço que não é por passar umas semanas numa cidade que de repente conheço o país todo (ou a cidade toda). É impossível. Contudo é essa a imagem que uma grande parte dos bloggers tentam passar. Nada contra, mas acho que há espaço para mais. Tem que haver. Tem que se avançar para além da retórica do "viajar mais por menos dinheiro" e desta mania geral de que todos os destinos do mundo estão em constante exposição para quando quisermos ir lá. Viajar é uma experiência de auto-descoberta mas também tem que ser uma oportunidade de contribuir para a economia local. É extremamente importante que as pessoas percebam o impacto que têm na terra dos outros.

Projectos a curto prazo? E a médio e longo prazo?

A curto prazo, continuar a crescer o blogue (cada vez mais desta perspectiva que são as histó-

rias que me encontram a mim e não o contrário). A médio prazo, tirar a ficção da gaveta. A longo prazo, há três projectos (ainda na fase do "gostava de") que há algum tempo não me saem da cabeça - escrever sobre as diferentes Festas do Espírito Santo nos Açores em cada uma das ilhas (e dentro de cada ilha, porque sei que há variações); viajar de comboio em Portugal usando apenas a linha Regional e ir recolhendo as histórias das pessoas que encontrar; editar um livro com entrevistas a artistas residentes nos Açores, sejam eles naturais das ilhas ou não (tenho curiosidade em descobrir se é a ilha que mexe com o artista ou se é o artista que mexe com a ilha). Claro que são projectos muito pessoais que para acontecerem, dependem de haver vontade das pessoas em ler coisas do género e de haver interessados em apoiar os projectos.

Ana Coelho
Fotos: DR

